

# Introdução

Marcos Del Roio

**Como citar:** ROIO, Marcos Del. Introdução. *In* : ROIO, Marcos Del (org.). **Marxismo e Oriente** : quando as periferias tornam-se os centros: Oficina Universitária; São Paulo: Ícone, 2008. p.7-15.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2008.978-85-274-0962-9.p7-15>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## INTRODUÇÃO

O "ORIENTE" É MUITO MAIS uma construção cultural do "Ocidente", do que uma expressão geográfica. Essa construção cultural designada como "Oriente" contou com significado e amplitude diferentes com o decorrer do tempo. O Ocidente atual tem as suas raízes na época feudal madura, a partir do século XI, quando era uma zona cultural periférica em relação ao mundo árabe-muçulmano e ao mundo greco-bizantino-cristão. É a sua capacidade de incorporar a produção técnica e cultural dessas zonas mediterrâneas que lhe dá o potencial de agressão e conquista que tem início com as "cruzadas". O Ocidente passa a ser o centro cultural e econômico a partir do fim do século XV, quando o Oriente é redefinido pelo avanço imperial dos turco-otomanos, que ocupa o mundo árabe e o greco-bizantino e o Ocidente se volta para o oceano Atlântico. Além do império turco, surge a Rússia, pretensa herdeira do mundo greco-bizantino, como novo Oriente cristão. O próprio capitalismo surge na periferia do núcleo do Ocidente, na Inglaterra.

Mas a expansão sobre o mundo, na medida que ocorria a acumulação originária do capital, fez o Ocidente da modernidade capitalista em construção se chocar com outras amplas zonas culturais que em muito ampliaram o significado de Oriente. Por suposto, noção não reconhecida por culturas tão particulares, tão profundamente arraigadas como as da Pérsia, da Índia, da China e de suas periferias. Cada uma dessas antigas culturas, com formas também diversas de organização da produção e do poder, resistiu ao assédio do Ocidente, até mesmo com desprezo, por meio da força de suas construções culturais e de suas convicções expressas em sólidos valores religiosos. A Pérsia pela vertente xiita do islamismo, a Índia pelo hinduísmo e a China pelo confucionismo, mas ao fim todos tiveram que capitular diante da força das armas e do comércio do Ocidente, com sua dinâmica expansiva intrínseca. Vergados finalmente pelo imperialismo capitalista foi no resgate da sua própria tradição cultural popular que encontraram forças para reagir ao colonialismo.

Observe-se que o capitalismo se difundiu e penetrou com força, num primeiro e decisivo momento, apenas no Japão, região periférica feudal que havia incorporado e transformado o budismo em senso prático, uma religião originária da Índia e migrada para a China, quando traziam toda outra característica. O cristianismo e também o liberalismo, produtos culturais do Ocidente, tiveram escassa e periférica penetração no Oriente e mesmo assim entre parcelas das classes dirigentes, como o exemplo do Vietnã ou o caso particular das Filipinas. Mais tarde o individualismo capitalista teve sucesso significativo na Coréia do Sul e em Taiwan, além do Japão.

Percebe-se então a importância das periferias nas grandes mudanças históricas. Na Antigüidade, a Grécia era apenas uma periferia das grandes civilizações do Egito e da Mesopotâmia, e deu origem ao helenismo unificador das classes dirigentes de um vasto território. A Europa feudal era a periferia do mundo árabe-islâmico e do mundo greco-bizantino, mas foi o berço do capitalismo. Mesmo na Europa feudal a Inglaterra era uma



região periférica, mas foi onde germinou o capitalismo. Também na Ásia o capitalismo surgiu no Japão, uma zona periférica do gigantesco império chinês delapidado pelo imperialismo ocidental. No século XX foi também nas periferias onde eclodiram as revoluções sociais mais poderosas e que provocaram deslocamentos geopolíticos de reconhecida monta, particularmente as revoluções russa e chinesa.

O marxismo, um produto cultural do Ocidente periférico, que era a Alemanha dos anos 1840, se propôs a colocar o seu próprio berço no avesso, porquanto pode obter maior penetração na Ásia por sua identidade com o proletariado industrial e por ser cultura crítica do colonialismo e do imperialismo. O marxismo contribuiu para as lutas de emancipação no mundo árabe, na Pérsia, na Índia, mas só se tornou uma força decisiva na China e em parte da sua periferia, tal como a Coreia do Norte e a Indochina. Nessa última região, o marxismo serviu de substrato para a emancipação e reconstrução do Estado em bases nacional-popular e em declarada “transição socialista”.

Não resta muita dúvida de que o Oriente, em toda a sua complexidade e diversidade, volta nesses tempos de mundialização do domínio do capital e de um redivivo e renovado colonialismo, a ser centro de esperanças e de preocupações, de ambição e de repúdio. De uma ou outra forma, resgatando uma expressão utilizada por Gramsci, as periferias voltam a ser os centros, numa inversão da lógica imperialista. Hoje o Japão, terceiro ângulo da tríade imperial (junto com o EUA e Europa) e berço do assim chamado toyotismo – essa forma exacerbada e sofisticada de exploração do trabalho social – já não chama tanto atenção por estar submerso em profunda crise e tende a voltar a sua histórica posição periférica. A China, com sua vasta zona de influência externa, por sua vez, apesar de tantos problemas, se destaca como uma excepcional área de crescimento econômico e avanço social, em meio a um planeta submerso em dramática crise social e estagnação econômica. A Índia demonstra também um enorme potencial

de crescimento, que fazem aumentar muito a explosiva situação social e cultural do subcontinente, ainda mais com o reforço da identidade hinduísta. O Irã (Pérsia) encontrou no xiísmo a forma de resistir ao renovado impacto do Ocidente imperial.

Por outro lado, o Oriente é vitimado por uma ofensiva colonialista, perpetrada pelos EUA e Grã-Bretanha, que buscam o controle dos recursos naturais energéticos, como o gás e o petróleo, e de posições político-militares estratégicas. O ataque é perpetrado sobre um hemicírculo que se estende de leste a oeste, da Ásia central a Europa sul-oriental, por meio de alianças políticas com grupos sociais dominantes locais ou de guerras de agressão e conquista. A aliança que se forma a partir da Servia e Bulgária passa pela Turquia e por instáveis regimes árabes, mas principalmente por Israel, congênita ponta de lança contra o mundo árabe, e se estende até as antigas repúblicas soviéticas da Ásia Central, aparecendo apenas o Irã como elemento de resistência.

A agressão e conquista do Iraque visava pôr em xeque a resistência popular Palestina e a própria Síria, além do Irã. Este é pressionado também pela ocupação do Afeganistão, ponto de apoio para a Ásia Central e para exercer pressão sobre a China e a Índia. A China já tem ainda que assistir a persistente presença imperialista em Taiwan. Certo que os grandes países da Ásia – a China, a Índia e a Rússia – sentem-se profundamente incomodadas pela presença americana e de seus asseclas menores e devem resistir negociando (até por contarem com armas nucleares). A resistência árabe-muçulmana tende a realçar a sua faceta de resgate da tradição cultural numa perspectiva de reencontro da “pureza original”, como forma de recusa da modernidade capitalista.

Dessa situação podem resultar novas guerras em benefício das grandes empresas, principalmente de armas e de produção de energia, mas também daquelas especializadas em “reconstrução” de zonas devastadas, que contam com potencial de mercado para bens de consumo agrícolas, farmacêuticos e



outros mais supérfluos. É exatamente o vastíssimo potencial de mercado da China e da Índia que tanto seduz o *imperium mundi* do capital e de seu principal instrumento de domínio, o Estado americano ampliado pelas bases militares, pela força econômica e por um arco de alianças, e que perpassa diversos níveis hierárquicos e regionais.

A resistência do Oriente, essa figura de fantasia inventada pelo Ocidente no processo de construção da sua própria identidade, surge da crescente força econômica da China e da Índia e da resistência antiimperialista na Palestina, no Iraque e no Afeganistão, que deve e pode se difundir por outras regiões caracterizadas pela religião islâmica. Guerra e revolução mais uma vez se entrelaçarão no Oriente e nas periferias do mundo, de modo que resistência antiimperialista e revolução social tenderão inevitavelmente a se confundir, assim como a possível redefinição de fronteiras.

A resposta para a questão de um possível papel do marxismo, ou melhor, de uma refundação comunista no futuro do Oriente está completamente em aberto, até porque a extensão e diversidade da Ásia exigiriam uma avaliação pormenorizada. A Ásia oriental parece contar ainda com grandes possibilidades, qualquer que seja a avaliação sobre a realidade atual desses países, apenas considerando a trajetória histórica do século XX e as forças atuais. Apenas pelo fato de grandes revoluções de libertação nacional endereçadas para a transição socialista, na esteira da revolução russa de 1917, terem ocorrido na Ásia oriental (China, Indochina e Coréia), sem que a avassaladora derrota que atingiu a Europa oriental tenha ali sucedido, faz crer nessa hipótese. A Índia conta desde os anos 20 com ponderável força social e cultural inspirada no marxismo e que tem apresentado frutos nos últimos anos de forma bastante diversificada, tanto nos movimentos sociais quanto no mundo intelectual cosmopolita da língua inglesa.

Bem mais complexa e difícil é a situação no mundo islâmico. Nessa vasta zona, particularmente afetada pela

agressão imperialista, as tentativas de consolidação de revoluções nacionais redundaram num fracasso marcante quase por toda a parte diante da insuficiência de forças internas capazes de fazer frente à pressão imperialista aliada a forças sociais reacionárias internas e que contam com Israel como importante ponta de lança. Mesmo onde contaram com certa influência, como no Iraque e no Irã, os marxistas e comunistas foram vítimas de repressão por parte de regimes que procuraram certo grau de autonomia diante do imperialismo do Ocidente.

O fracasso da mimetização do Estado nacional ocidental no mundo islâmico e a debilidade das forças propensas ao socialismo abriram grande espaço para a emergência da religião islâmica como fundamento propositor de um resgate cultural e de uma nova sociabilidade antagônica a modernidade capitalista gerada pelo Ocidente, mas com grande possibilidade de resvalar para o reacionarismo. Um projeto histórico efetivamente emancipador exige, nessa vasta zona do planeta, uma solução para a questão da relação entre marxismo e islamismo. A versão igualitária e comunitária do islamismo deve se encontrar, em algum ponto, com a perspectiva universalizante do comunismo crítico a fim de que as massas árabes, em particular, e os povos islâmicos, em geral, possam trilhar o caminho da emancipação, da autodeterminação e do progresso material.

Inequívoca parece ser a proposição de que a emancipação efetiva do trabalho e dos povos passa pela diluição da representação cultural que opõe Ocidente e Oriente. Mas a noção de multiculturalismo não é uma solução, mas apenas uma nova visão originada da perspectiva do *imperium mundi*, que pretende dividir a humanidade em culturas estanques e estáticas. O horizonte emancipatório indica uma diversidade cultural que se entrecruza, que se transforma e que se enriquece umas às outras, sem particularismos ou hierarquias.

Um conjunto de textos que pretende contribuir para a compreensão e a reflexão sobre realidade tão complexa como



a do Oriente, privilegiando a perspectiva teórico-política do marxismo, deve necessariamente abordar, antes de qualquer outra coisa, a leitura e a perspectiva que o próprio Marx (e também Engels) fizeram e tiveram. Por certo, partiram eles de uma leitura consolidada pelo liberalismo (mas de origem teológica) do Oriente como entidade abstrata, terra do mal e de inconcebíveis riquezas. Partindo de uma visão histórico-evolutiva na qual o Oriente ocuparia os primórdios, parecem aos poucos se avizinhar de uma perspectiva mais adequada ao complexo da obra marxiana – na qual a atividade humana, no seu fazer história aponta para possibilidades diversas –, mas sem, no entanto, transcender o eurocentrismo.

Os três primeiros capítulos deste livro se debruçam por essa difícil trajetória teórica, do esforço para se conceber o Oriente como uma vasta e diversificada área, que contribuiu significativamente para a 'civilização', vítima momentânea do domínio do Ocidente, cujos instrumentos eram o mercado e as armas, mas que contava com perspectivas revolucionárias ponderáveis, capazes de incidir nos destinos da humanidade. Por outro lado, também são vistas as persistentes tendências de reabsorção de visões etnocêntricas (especificamente eurocêntricas) dentro da própria vertente cultural inspirada em Marx. O esforço de Marx encontrou uma tendência até certo ponto contraposta no próprio Engels, mas o retorno de uma concepção linear e evolucionista fez-se forte, ainda que de maneiras obviamente diferentes, nas vertentes majoritárias da II Internacional e depois no stalinismo.

Feito isso se passou ao esforço de oferecer ao leitor um painel de como o marxismo se difundiu pelas periferias, tornando-se instrumento de crítica de precedentes ordens sociais iníquas, submetidas pela difusão do capitalismo com as suas diversas facetas da opressão colonial. Marcante é o momento de grande criatividade e impacto universal do marxismo e da revolução socialista na Rússia de 1917. A difusão do marxismo pelas periferias se processou com maior ou menor sucesso, influência



e criatividade, mas sempre girando em torno do epicentro gerado na Rússia Soviética. Com o marxismo refundado na periferia constituída pelo Oriente russo, mormente com Lenin, é que se consegue na teoria e na prática política a superação do eurocentrismo.

Fundamental, pela sua dimensão histórica, o marxismo e a revolução que se produziu na China e em alguns de seus entornos. Vitoriosa a revolução na Rússia e depois na China (seguida por uma esteira de novos Estados nacionais miméticos, eventualmente autodenominados 'socialistas') o Oriente teve enfatizado, pelas classes dirigentes do Ocidente imperialista, a sua imagem de espaço onde brota o mal (agora o 'totalitarismo comunista'). Mas passou, sem dúvida, a ser uma região de grande protagonismo histórico, alterando toda a dinâmica da política internacional e das áreas com potencial para exercer uma nova hegemonia. A catástrofe produzida pela desintegração da URSS e de sua área de influência na Europa oriental possibilitou uma renovada arremetida colonialista do *imperium mundi*, que acentua a sua tendência unipolar, não só pelo colapso de seu maior inimigo, mas como pelas dificuldades sócio-econômicas imensas enfrentadas pelo Japão e pela Europa, os outros dois ângulos da tríade capitalista imperialista. Essas dificuldades, porém, advem tanto da agressividade dos EUA quanto da pressão exercida pelo crescimento da China.

Por fim, no momento em que a história humana se universaliza pela ação do capital, o Oriente oprimido apresenta a sua face emancipadora, convergindo para a história do gênero humano efetivamente socializado, é oportuno oferecer aspectos da visão que Gramsci apresentava da questão das periferias e do Oriente. Lembrando sempre que Gramsci é também expoente do pensamento marxista gerado na periferia do Ocidente, a zona meridional da Itália, imbricamento de culturas milenares e que carrega consigo aspectos sociais e culturais da marca "Oriente".

Esse livro não pretende mais que ser uma primeira aproximação do problema. Um problema de tal vastidão e complexidade que certamente demanda toda uma série de estudos. Fica faltando uma análise do marxismo nas diversas regiões culturais que compõem esse vasto e diverso "Oriente", particularmente a Índia e o Japão, onde aparece uma produção teórica significativa. Do mesmo modo uma avaliação mais aprofundada do mundo árabe-muçulmano seria mais do que desejável. Essas lacunas são conscientes, mas representam um desafio para que o leitor parta daqui para o aprofundamento de tantas questões aqui apenas sugeridas. A idéia, o auxílio e estímulo para que esse livro fosse composto partiram de João Quartim de Moraes, a quem muito tenho a agradecer.

(Marcos Del Roio)